



Voz da Fátima

Director:
PADRE LUCIANO GUERRA
Ano 65 — N.º 777 — 13 de Junho de 1987

Redacção e Administração
SANTUÁRIO DE FÁTIMA — 2496 FÁTIMA CODEX
Telef. 049/52122 — Telex 42971 SANFAT P

ASSINATURAS INDIVIDUAIS
Portugal e Espanha 120\$00
Estrangeiro (via aérea) 250\$00



Propriedade: FÁBRICA DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA — PUBLICAÇÃO MENSAL — AVENÇA — Depósito Legal n.º 1673/83

Segredos e Milagres

Porque será que todos gostamos tanto de saber segredos e de ver milagres? Gostamos de segredos entre nós e de segredos de Deus para os homens. Pense-se somente no que tem sido, ao longo de tantos séculos, a curiosidade humana em saber o que pensa e planeia Deus acerca do futuro da História, de como se passarão as relações de paz e de guerra entre as nações que a todo o momento entram em conflito, e sobretudo se e quando virá o fim de tudo isto: no nosso tempo? Há sempre um grande, e direi mesmo ameaçador ponto de interrogação à frente da nossa vida; por isso é normal que desejemos saber o segredo que se esconde para além desse ponto de interrogação. No fundo temos medo e gostaríamos de o poder não ter.

O que se passa com os segredos, ou as revelações, ou as profecias, passa-se semelhantemente com os milagres. Não anda toda a gente a pedir diariamente milagres, ou a Deus, ou à sorte, ou a ambos? O capítulo VI do Evangelho de S. João dá-nos a verdadeira explicação do motivo que leva tantos de nós a pedirmos milagres a Deus. Jesus tinha acabado de realizar aquele estupendo milagre da multiplicação dos pães, matando a fome a muitos milhares de pessoas que, no dizer do Evangelista, andavam a seguir Jesus, «por VEREM os milagres que fazia nos doentes» (Jo 6, 26). Pela tardinha, porém, Jesus, que precisava de descansar, afastou-se discretamente para a outra margem, enquanto a multidão deve ter ficado entregue aos seus comentários. Entretanto, aproveitando todas as barcas do lago, e logo que souberam da retirada de Jesus, foram ver se O encontravam. O Senhor não devia estar aborrecido, até porque descansara durante a noite. Por isso mais significativa é a maneira dura como os recebeu: «Vós procurais-me, não porque vistés milagres, mas porque comestes dos pães e ficastes saciados.» (João 6, 26). Como quem diz: vindes a Mim aparentemente entusiasmados com uma acção miraculosa que vos revela um Profeta, capaz de dizer-vos, em nome de Deus, o segredo verdadeiro de que tendes necessidade, para conduzirdes a vossa vida até ao porto da salvação. Mas nada disso: atravessastes o lago simplesmente na esperança de continuardes a ter pão e peixe que vos saciem o estômago. Até que amanhã ou outro dia vos aborreceríeis do mesmo pão e do mesmo peixe, e entraríeis em reivindicações de menus variados, como fizeram os vossos pais com Moisés, na travessia do deserto; simplesmente porque vos não interessastes em perceber que um milagre é um milagre e que a sua importância está em facilitar-vos a compreensão dos verdadeiros segredos de Deus a vosso respeito. Vistes, mas não vistes COM OLHOS DE VER, como tantos ouvem segredos e não os ouvem com ouvidos de ouvir.

Em contraposição, ao tentar explicar porque é que os videntes umas vezes diziam que a Senhora da Cova da Iria lhes revelara um segredo em Julho e outras em Junho, a Irmã Lúcia dá uma razão que pode aceitar-se perfeitamente, e nos vai ajudar a entrar no significado que Deus atribui aos seus segredos e milagres: «Nossa Senhora não nos mandou ainda desta vez (em Junho) guardar segredo, mas SENTÍAMOS que Deus a isso nos movia.» Condiz com esta afirmação uma bela introdução que a mesma Irmã escrevera alguns anos antes, ao introduzir a sua primeira Memória.

Conclui-se muito facilmente que, às crianças de Fátima, como a qualquer um de nós, Deus diz muito mais segredos do que os que podem captar-se através de mensagens públicas escritas, tanto na Sagrada Escritura como nas revelações particulares. E o mesmo acontece com os milagres, acerca dos quais a História ensina que não foram só os Judeus contemporâneos de Jesus a não os entenderem. Não é verdade que se encontra por aí muita gente a não aceitar os grandes milagres de Fátima ou de Lourdes, quando outros não cessam de confessar que o Senhor está continuamente operando maravilhas em suas vidas? A irmã dizia: SENTÍAMOS que Deus a isso nos movia. Não será então necessário que nos apercebamos bem dos segredos «menores» de Fátima antes de nos ser revelado o fim do segredo «maior»? Saberiámos nós captar o segredo dito para toda a gente, se não prestamos ouvidos ao segredo que Deus nos diz só para nós? Há que sentir o segredo de Junho antes de querer saber o de Julho. Há que saborear o milagre de todos os dias, para entender o milagre de algum dia.

P. LUCIANO GUERRA

Homilia do Senhor Cardeal D. António Ribeiro, no dia 13 de Maio

A CONTEMPLAÇÃO E O AMOR NA MENSAGEM DE FÁTIMA

1. Há setenta anos, num dia treze de Maio como o de hoje, a Senhora que veio do Céu apareceu pela primeira vez aos pastorinhos da Cova da Iria.

Foi aqui, neste lugar desde então particularmente abençoado, que a Virgem Maria, Mãe de Deus, dada também por Mãe aos homens no alto do Calvário, fez ouvir a sua mensagem de salvação e de paz, de contemplação e de amor, destinada à humanidade do nosso tempo. Aqui, no planalto da Serra de Aire, onde a terra se aproxima do céu, foi concedido às gerações do século XX o grande sinal da misericórdia e da benevolência divinas. Manifestou-se aqui, através das aparições de Nossa Senhora, a voz potente de Deus compassivo e cheio de bondade a chamar os homens ao arrependimento e à conversão, à indispensável dimensão contemplativa da existência cristã e à prática essencial do amor de Deus e do amor fraterno, sempre solidário com as necessidades espirituais e materiais das pessoas e das comunidades humanas.

Ao longo dos últimos setenta anos, o nome glorioso de Fátima percorreu os cinco continentes. Em maior ou menor

grau, é hoje conhecido e venerado em quase todos os países e a mensagem da branca Senhora da Cova da Iria encontrou eco no coração de numerosos cristãos e até no de alguns não cristãos. O Santuário de Fátima, como expressamente afirma o Santo Padre na sua última encíclica dedicada à Virgem Maria, conta-se hoje entre os de maior projecção mariana no mundo católico.

Acção de graças pelas aparições

Por isso, ao iniciarmos as comemorações do septuagésimo aniversário das aparições, a nossa primeira e fundamental atitude deverá exprimir uma fervorosa acção de graças pelo dom extraordinário que o Senhor nos concedeu, enviando-nos a sua e nossa Mãe para nos incitar à autenticidade da vida cristã, para nos mover à observância fiel do Evangelho, para nos sacudir da letargia e da rotina dos comportamentos mesquinhos ou desviados, para nos propor a ventura entusiasmante do percurso dos caminhos do Reino de Deus, que importa fazer crescer em nós e à nossa volta.

Quem algum dia conheceu a sério a mensagem de Fátima, esse viu, como João no Livro do Apocalipse, os horizontes largos do «novo céu e da nova terra», que Deus quer oferecer à humanidade, vislumbrou a nova «cidade santa», na qual o mesmo Deus se propõe morar entre os homens, de modo que estes sejam de facto o seu Povo e Ele o seu Deus.

Certo é, todavia, que a mensagem de Fátima, após setenta anos das aparições, ainda não é suficientemente conhecida e, muito menos, tem sido adequadamente posta em prática. Nós próprios, os que hoje nos fizemos peregrinos, sentimos necessidade de a aprofundar de forma mais perfeita e não nos escapa a urgência de a levarmos à vida quotidiana, pessoal e colectiva. Meditemos, pois, durante alguns momentos, em dois aspectos fundamentais da mensagem, que neste lugar se fez ouvir. São as exigências da contemplação e do amor.

Proposta e apelo de contemplação

2. Antes de mais, Fátima constitui uma clara afirmação

● Continua na página 4

Leiria - Fátima tem Bispo Coadjutor

D. Serafim de Sousa Ferreira e Silva foi nomeado Bispo Coadjutor de Leiria-Fátima. O anúncio da nomeação foi feito pelo Senhor Bispo de Leiria-Fátima, D. Alberto Cosme do Amaral, no final das celebrações da peregrinação aniversária do dia 13 de Maio passado.



D. SERAFIM FERREIRA E SILVA
novo Bispo Coadjutor de Leiria-Fátima

«O Santuário de Fátima é um centro da religiosidade popular do povo português», afirmou o senhor D. Serafim numa entrevista que concedeu à Voz da Fátima, pouco mais de duas horas depois de ter sido dada a conhecer a sua nomeação. Transcrevemo-la na página 7.

Chamando à atenção para a missão da Voz da Fátima, nesta entrevista, disse: «A Voz da Fátima já tem uma implantação muito grande no país, e julgo que pode ser portadora da mensagem genuína deste Santuário, não só no seu aspecto histórico, mas nas suas potencialidades actuais, e pode ser também, sob o ponto de vista da teologia mariana, um veículo da religiosidade e da teologia que partem de Maria, como medianeira e corredentora, para uma Igreja que é a encarnação do Verbo e é uma vertente visível do Reino de Deus».

D. Serafim nasceu a 16 de Junho de 1930, em Santa Maria de Avioso, Maia, Porto. Foi ordenado sacerdote em 1 de Agosto de 1954, na Sé Catedral do Porto. Em 30 de Abril de 1979 foi nomeado Bispo Auxiliar de Braga, com o título de Lemellefa, tendo a ordenação episcopal tido lugar em 16 de Junho de 1979, na cripta do Sameiro. Em Junho de 1981, foi transferido para auxiliar de Lisboa, e nomeado Secretário Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, também desde 1981.

A Voz da Fátima dá as boas-vindas ao senhor D. Serafim e deseja-lhe os melhores êxitos no seu trabalho pastoral.

Espaço para os leitores

Publicamos, de seguida alguns excertos de cartas que ultimamente nos têm chegado à redacção. Pretendemos com este gesto aproximar mais os nossos leitores do nosso jornal e, também, comunicar um pouco da riqueza espiritual de muitas pessoas que nos escrevem, dando-nos interessantes testemunhos de serviço à Igreja e aos irmãos, através de pequenos gestos, como, por exemplo, colaboração na distribuição e divulgação da VOZ DA FÁTIMA.

Pedimos aos nossos leitores que, sempre que achem oportuno, escrevam para a redacção da VOZ DA FÁTIMA, pois sabemos que com a colaboração de todos é possível melhorar o nosso jornal e fazer dele um importante meio de divulgação da mensagem, oração e conversão, à qual Fátima constantemente nos chama.

Recebi a «Voz da Fátima» e fiquei contente pelo artigo «Aos leitores» do que pensam da «Voz da Fátima». Tenho ido tantas vezes a Fátima que nem sei quantas; tenho carro próprio e nem sempre ia em Maio, mas fui na Coroação de Nossa Senhora, em Maio de 1946. Ia noutros meses mas nunca vi lá a Voz da Fátima. A última vez que lá estive foi a 8 de Setembro de 1985. Muito gostei. Nessa altura andava doente que não me tinha de pé. Até levei uma cana grossa para me ajudar; estive na colunata dos doentes a assistir às cerimónias; a minha filha ficou cá em baixo e comprou a «Voz da Fátima». Eu não conhecia; ela deu-mo nessa ocasião, não o li, guardei-o e até me esqueci. Agora, em Janeiro deste ano, andei a ver umas revistas que tinha num saco de plástico e dei com ele, li-o todo e gostei e a seguir escrevi para aí, foi no dia 19 de Janeiro, mas foi ao Sr. Director, que queria ser assinante. *Leonor Ribeiro (S. João da Madeira).*

—//—

Sou responsável pela distribuição da «Voz da Fátima» nesta Paróquia de Cascais há talvez três anos; por falta da pessoa que estava encarregada, ofereci-me ao Sr. Padre para tomar conta do cargo, e estou muito satisfeita. Pede a Voz da Fátima de Abril aos leitores para dizerem o que pensam do jornal de Fátima, eu penso que é um alerta para os cristãos que o lêem, para a oração, para o sentido do que é Fátima. Pena é que mesmo a maior parte talvez dos assinantes não lêem;

FELICIDADE DOS FILHOS ALEGRIA DA MÃE

Por nos parecer muito edificante o testemunho de uma senhora brasileira que veio em peregrinação a Fátima, publicamo-lo quase na íntegra, transcrevendo-o no seu sabor original.

«Reverendíssimo,
É com imensa alegria que escrevo esta carta, pois prometi publicar as imensas graças obtidas pelos santos pastorinhos Francisco e Jacinta, entre elas a seguinte: minha filha é muito teimosa e não queria ir para o Magistério Primário; chorava, ficava nervosa e má. Hoje encontra-se no 3.º ano do mesmo curso e creio que deve acabar feliz o curso. Por isso agradeço aos meus queridos e santos pastorinhos esta grande graça, pois eu sou pobre e viúva e fiquei contente por deixar a minha filha pronta para enfrentar a vida honradamente.»

A. M.

Publicamos esta «graça» por acharmos o relato cheio de vi-

dizem que é mais pela esmola que dão, pois eu acho que é um sentido errado, porque além de um alerta, é um transmissor de notícias importantes no que diz respeito à Igreja, que muitos cristãos ainda estão alheios a elas. (...) Por isso só tenho a dizer que a «Voz da Fátima» é importantíssima para todas as idades. *Marka Augusta (Lousada)*

—//—

Sou emigrante em França, venho por este meio informar que cá tenho recebido sempre o Jornal «Voz da Fátima» pelo qual continuo sempre muito interessado para saber de todas as actividades do Santuário. Quantas saudades nos deixam não podermos ver pela televisão nos meses principais que são Maio e Outubro! Está certo que temos a rádio, mas mesmo assim muitas vezes em más condições de captação. E, uma coisa bem certa para nós, cá tão longe da Pátria e de toda a nossa família, quanto nos vinha encorajar, se possível, sabermos se há transmissão pela televisão. *Francisco Sá (França)*

—//—

Sou zeladora dos Cruzados de Fátima há mais de quarenta anos. Ainda me lembro quando os jornais eram ainda a dois tostões por mês. Casei há trinta e nove anos e desde que casei, meu marido ajudava-me a distribuir os jornais (...) Ele era um autêntico cristão; levámos uma vida matrimonial sagrada, foi sempre um esposo como devia, perante Deus e perante o próximo; fazia bem a toda a

vacidade e também de sã preocupação que enche o coração de muitas mães relativamente a seus filhos. Oxalá seja verdade que a filha acabe o curso «feliz», já que só pode estar na felicidade o resultado final da intervenção atribuída aos pastorinhos. Compreende-se e aprecia-se a satisfação da mãe, que apesar de viúva e pobre, se não demitiu da sua missão junto da filha, mas tentou encaminhá-la para o lugar que lhe parecia mais conveniente, de modo a enfrentar a vida «honradamente». Continue a pedir muito aos pastorinhos que encaminhem bem a sua filha, já que hoje não basta o curso do Magistério Primário para ter resolvidos os problemas do emprego... e da felicidade!

gente; era bom cristão, bom esposo, bom pai. Estava reformado há cinco anos, era um homem silicótico, pois tinha trabalhado trinta e cinco anos nas minas do Pejão, onde apanhou aquele pó nos pulmões. Foi sempre um bom operário. Criámos oito filhos, sempre mimosos, só com o ordenado dele; mas a vida dele chegou ao fim, no dia 26 de Março passado. Voou para a eternidade, só teve duas horas de sofrimento, mas sofrimento forte (...) Deixou à sua esposa, oito filhos, desas-sete netos, quatro genros e duas noras. (...) Seu nome era Manuel Soares da Silva, tinha sessenta e quatro anos de idade; era um homem estimado por todos, porque ele ia de porta em porta distribuir cinquenta e um jornais, e eu distribuía noutro lugar vinte e nove.

Mas agora, que ele partiu para a eternidade, não se vai deixar de distribuir os jornais, pois tenho filhas que querem seguir o exemplo do seu pai. Ele gostava imenso de distribuir os jornais. *Maria Luisa Teixeira (Gondomar)*

SÓ UMA PAREDE NOS SEPARAVA

Em 6 de Junho de 1986 chegou à redacção da «Voz da Fátima» a carta que, de seguida, transcrevemos:

«Venho por este meio comunicar uma grande graça de Nossa Senhora de Fátima.

Vivo em Angola, para onde vou hoje embarcar, depois de ter passado quarenta e cinco dias em Portugal.

No dia 2 de Agosto de 1984, na vila de ... pelas onze horas da noite, acordámos com tiros e morteiros. Levantámo-nos a toda a pressa para fugirmos de casa. Já não pudemos: um grupo de homens armados de um dos movimentos que combatem em Angola tinha entrado e estava já perto da minha casa. Eu voltei ao meu quarto, agarrei uma imagem de Nossa Senhora, meti-a junto ao peito e pedi-lhe: «Virgem Mãe, fazei com que não nos matem ou nos levem para a mata».

Pois a Mãe do Céu ouviu-me porque eles estiveram perto de nós: só uma parede nos separava e uma porta que nem estava fechada à chave. Quando julguei que estava chegada a minha hora, do meu filho e de uma afilhada que vive comigo, disse baixinho: «chegou a nossa hora, rezem o acto de contrição e peçam perdão dos vossos pecados, que eu vou fazer o mesmo, e que a Mãe do Céu nos acuda e peça por nós ao Seu amado Filho».

Entretanto, eles foram para os outros compartimentos, pois a minha casa é grande, andaram por lá a roubar tudo, e, no quintal, o gado e a roupa, mas não nos viram, pois a Mãe do Céu me ouviu. Todo este sofrimento demorou uma hora e trinta minutos, tendo eles saído da minha casa somente quando deu o sinal de retirada.»

Maria M.

O Portugal dos Descobrimentos também foi mariano

Integrada no espírito das comemorações dos 500 anos dos descobrimentos portugueses, a Comunidade paroquial de Ferreira do Alentejo ofereceu à de Sines uma réplica da Imagem de Nossa Senhora da Conceição que Vasco da Gama, natural de Sines, levou à Índia e legou a Ferreira do Alentejo, tendo-a o povo e as autoridades religiosas e civis proclamado Padroeira, não só da vila como de todo o concelho.

A condução da réplica da imagem foi em 31 de Janeiro, em cortejo automóvel. A imagem ficou à guarda do Clube «Stella Maris» e de todos os habitantes da vila piscatória e agora grande centro portuário e industrial do Alentejo. Presidiu o sr. Bispo de Beja.

De uma pequena nota enviada pelo Rev. Pároco de Ferreira do Alentejo ao sr. Padre Manuel Antunes, do Movimento dos Cruzados de Fátima, que participou nas celebrações, retiramos alguns elementos históricos.

Vasco da Gama, natural de Sines, quando foi nomeado por

D. Manuel para chefiar a expedição à Índia, escolheu alguns Conselheiros, e na primeira reunião que teve com eles manifestou-lhes o desejo de levar na sua caravela uma Imagem de Nossa Senhora da Conceição de quem era muito devoto, mas que fosse o mais leve possível e pequena! Cristóvão Estribeiro, natural de Ferreira do Alentejo, seu amigo de estudos em Évora, foi um dos escolhidos. Na reunião seguinte apresentou, tal como os outros fizeram, uma pequenina Imagem de Nossa Senhora da Conceição, de roca, talvez das primeiras que na época foram feitas em Portugal — esta foi feita em Lisboa — e Vasco da Gama escolheu esta entre todas apresentadas, por ser muito leve e pequena.

Vasco da Gama foi Conde da Vidigueira. Recompensou aqueles que o tinham acompanhado e a Cristóvão recompensou-o com a já histórica Imagem da Senhora da Conceição e este, por sua vez, legou-a mais tarde a Ferreira do Alentejo, sua terra natal.

Viagem atribulada com fim feliz

Em Agosto do ano passado, recebemos no Santuário o boletim da paróquia de Nossa Senhora da Assunção de Málaga, na vizinha Espanha. Numa das suas páginas, contava-se a viagem atribulada de uma bela imagem de Nossa Senhora de Fátima, réplica perfeita da da Capelinha das Aparições. Na passagem do 1.º aniversário, vamos traduzir o referido artigo: «Queríamos uma imagem da Virgem de Fátima na paróquia. Queríamos também que fosse exactamente igual à que se venera no lugar das aparições, mas... nesta paróquia moderna não cabiam mais imagens, e, por outro lado, era muito difícil conseguir uma imagem exactamente igual à primitiva. Contudo, a Providência foi solucionando os problemas. A pia baptismal foi trasladada para o presbitério para que os baptis-mos tenham maior visibilidade para os fiéis, e a imagem confiámo-la ao Padre Villanova, capelão espanhol do Santuário e conseguimos-la. No dia 12 de

Maio a Virgem entrava na paróquia. Anteriormente, tinha peregrinado porque Deus o tinha disposto assim, e um equívoco na facturação fez com que fizesse o seguinte trajecto: Fátima, Lisboa, Londres, Lisboa, Madrid, Málaga. A paróquia repleta de público apaudiu e cantou a entrada da Virgem levada pela juventude. Entrada solene e cordial. Alegria e pranto e esperança para todos. O pároco deu as boas vindas e as suas palavras receberam o clamor da multidão que via nela uma esperança não só para a paróquia mas também para este mundo sofredor.

Já está na sua nova capela: sobre uma coluna de mármore, numa redoma de cristal, rodeada por uma grade de ferro, sempre com velas e flores, muito simples, muito devota e sempre muito acompanhada. Ela parece dizer-nos a todos: fazei penitência, fazei oração... e nós respondemos um ámen com o hino da Virgem: Ave, Ave, Ave Maria!»

Nojas do acolhimento

Uma brasileira que vive nos Estados Unidos veio a Fátima pela 1.ª vez.

O tempo estava péssimo, com frio e chuva.

Dizia ela: «O meu pai, quando soube que eu vinha à Europa, recomendou-me: — Deixa tudo, mas não deixes de ir a Fátima. Ele é português, mas foi em pequenino para o Brasil e nunca mais pôde voltar a Portugal. Vai ficar louco de alegria, quando eu lhe mandar uma recordação de Fátima».

Levou desdobráveis, santinhos e um pequeno livro sobre a vida da Jacinta.

Estiveram no Santuário 2 peregrinos do Egipto. Um deles veio por promessa, que tinha feito em 1964 e só agora pôde cumprir.

Num grupo do Canadá perdeu-se um dos peregrinos. Era já idoso (76 anos) e caminhava com dificuldade. A guia e os companheiros do grupo procuraram-no por toda a parte. Vieram às INFORMAÇÕES pedir ajuda e dizer onde se encontrava o autocarro.

Quando vi aproximar-se um estrangeiro, aflito, cansado, de bengala, percebi que era ele. Disse-lhe que o grupo o esperava no autocarro.

Aliviado, abraçou-me comovido e exclamou: «Ah! Je l'avais demandé à la Vierge de Fátima!».

Um casal de emigrantes veio perguntar onde se encontrava «a água milagrosa». — Foi a minha patroa, da Suíça, que me pediu. — Vais a Fátima? Então traz-me água de Nossa Senhora. É o meu melhor remédio.

Uma jovem de 20 anos prometeu oferecer as flores do andor de N.ª Sr.ª no dia 13 de Maio, se o namorado, também de 20 anos, ficasse livre da tropa.

N.ª Sr.ª atendeu-a. E mais, arranhou-lhe um emprego.

Por isso a jovem veio com o 1.º ordenado cumprir a sua promessa e agradecer.

Dizia um peregrino alemão, que todos os anos vem a Fátima:

—Cada vez gosto mais de aqui estar uns dias, no Inverno, quando há calma e silêncio.

Os dias de sol fazem as suas delícias. Acha maravilhoso.

E continuava, com tristeza: — Os alemães têm tudo quanto querem mas falta-lhes DEUS. Por isso procuram nos medicamentos a sua ânsia de felicidade. Já não rezam e as crianças são educadas assim.

Helena Geada

Ano Mariano Universal – 1987-1988

A ENCÍCLICA «Redemptoris Mater»

Todos saberão já que o Sumo Pontífice João Paulo II publicou no passado dia 25 de Março, solenidade da Anunciação do Senhor, uma Carta Encíclica acerca de Nossa Senhora, cujas primeiras palavras, a servirem de título, são as que deixamos acima: Redemptoris Mater, a Mãe do Redentor.

É um grande documento que, não trazendo nada de novo sob o ponto de vista doutrinário, manifesta o grande amor do Papa por Nossa Senhora e também a grande esperança que ele coloca em Maria na preparação, a que desde a sua primeira encíclica chama Advento, do 3.º milénio da era cristã. Em vários lugares do documento, o Santo Padre lhe chama simplesmente «reflexões» suas.

À luz do bimilenário de Maria

Em Fátima celebrámos, durante o ano de 1985, o bimilenário de Nossa Senhora. Quisemos com isso responder a uma pergunta-sugestão que o Santo Padre fizera em Lurdes, em Agosto de 1983, que acabou por não ter o eco que ele possivelmente esperava. Estamos mesmo em crer que, se esse apelo tivesse tido o eco que ele esperava, este documento poderia ter sido publicado então. Em lugar do ano bimilenário, o Santo Padre promulga agora o Ano Mariano cuja finalidade vem a ser a mesma. Com estes olhos se pode ler o n.º 3 da Encíclica Redemptoris Mater que transcrevemos:

«A circunstância que agora me impele também a mim a retomar este assunto é a perspectiva do Ano Dois Mil, que já está próximo, no qual o Jubileu bimilenário do nascimento de Jesus Cristo, nos leva a volver o olhar simultaneamente para a sua

Ora nós, que nos dedicamos à divulgação da Mensagem de Fátima, esta mensagem que o próprio João Paulo II afirmou ter sido dada para «este mesmo século» (Homilia em 13.5.82, n.º 6) não podíamos deixar de ler esta encíclica com os nossos próprios olhos, que não são, claro está, os olhos dos católicos dos países nórdicos, nem os dos irmãos protestantes, nem os dos irmãos ortodoxos, nem dos cristãos que padecem perseguição nalguns países, nem muito menos, os olhos dos irmãos incrédulos e ateus. Cada qual tem os seus olhos próprios e vê de maneira diferente. Nós temos a nossa maneira esta encíclica do Santo Padre e vamos dizer a partir deste número como é a nossa leitura.

Mãe. Nestes anos mais recentes, foram aparecendo diversos alvites que apontavam a oportunidade de fazer anteceder a comemoração bimilenária de um outro Jubileu análogo, dedicado à celebração do nascimento de Maria Santíssima.

Na realidade, se não é possível estabelecer um momento cronológico preciso para aí fixar o nascimento de Maria, tem sido constante da parte da Igreja a consciência de que Maria apareceu antes de Cristo no horizonte da história da salvação. É um facto que, ao aproximar-se definitivamente a «plenitude dos tempos», isto é, o advento salvífico do Emanuel, Aquela que desde a eternidade estava destinada a ser sua Mãe já existia sobre a terra. Esta sua «precedên-

cia», em relação à vinda de Cristo, tem anualmente os seus reflexos na liturgia do Advento. Por conseguinte, se os anos que nos vão aproximando do final do Segundo Milénio depois de Cristo e do início do Terceiro forem cotejados com aquela antiga expectativa histórica do Salvador torna-se perfeitamente compreensível que neste período desejemos voltar-nos de modo especial para Aquela que, na «noite» da expectativa do Advento, começou a resplandecer como uma verdadeira «estrela da manhã» (Stella matutina.) Com efeito, assim como esta estrela, conjuntamente à «aurora», precede o nascer do sol, assim também Maria, desde a sua Conceição imaculada, precedeu a vinda do Salvador, o nascer do «sol da justiça» na história do género humano.

A sua presença no meio do povo de Israel — tão discreta que passava quase despercebida aos olhos dos contemporâneos — brilhava bem clara diante do Eterno, que tinha associado esta ignorada «Filha de Sião» (cf. Sof. 3, 14; Zac. 2, 14) ao plano salvífico que compreendia toda a história da humanidade. Com razão, pois, no final deste Milénio, nós cristãos, que sabemos ser o plano providencial da Santíssima Trindade a realidade central da revelação e da fé, sentimos a necessidade de pôr em relevo a presença singular da Mãe de Cristo na história, especialmente no decorrer deste último período de tempo que precede o Ano Dois Mil».

Podemos consagrar-nos a Maria?

Os teólogos têm andado, de há umas décadas para cá, às voltas com a expressão «consagração a Nossa Senhora». Sobretudo por causa da mensagem de Fátima que pede ao Santo Padre faça a consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria. Pensamos que, por razão das dificuldades em se entender essa expressão, é que o Santo Padre, sem deixar de a usar nas consagrações que fez ultimamente em Fátima e em Roma, procurou empregar outros termos menos fortes como «entregar» e «confiar», quase evitando o termo «consagrar». De facto é normal que o Sumo Pontífice, quando vê os teólogos discutirem qualquer ponto de doutrina ou linguagem ainda não definitivamente assente, procure não se meter entre eles com a sua autoridade, para não lhes abalar a necessária e justa liberdade. Ora, como, por ocasião da sua peregrinação a Fátima, ele tinha começado uma bela reflexão acerca deste tema, nós esperávamos que nesta encíclica já aparecesse uma espécie de justificação da expressão «consagração a Nossa Senhora». De facto a palavra mais clara, que vamos transcrever do n.º 45, deixa-nos ainda na expectativa:

«Pode dizer-se que «a maternidade na ordem da graça» tem analogia com o que «na ordem da natureza» caracteriza a união da mãe com o filho. À luz disto, torna-se mais compreensível o motivo pelo qual, no testamento de Cristo no Gólgota, esta maternidade de sua Mãe é por Ele expressa no singular, em relação a um só homem: «Eis o teu filho».

Podemos dizer-se, ainda, que nestas mesmas palavras está plenamente indicado o motivo da dimensão mariana da vida

dos discípulos de Cristo: não só de São João, que naquela hora estava aos pés da Cruz, juntamente com a Mãe do seu Mestre, mas também de todos os demais discípulos de Cristo e de todos os cristãos. O Redentor confia sua Mãe ao discípulo e, ao mesmo tempo, dá-lha como mãe. A maternidade de Maria que se torna herança do homem é um dom: um dom que o próprio Cristo faz a cada homem pessoalmente. O Redentor confia Maria a João, na medida em que confia João a Maria. Aos pés da Cruz teve o seu início aquela especial entrega do homem à Mãe de Cristo, que ao longo da história da Igreja foi posta em prática e expressa de diversas maneiras. Quando o mesmo Apóstolo e Evangelista, depois de ter referido as palavras dirigidas por Jesus do alto da Cruz à Mãe e a si próprio, acrescenta: «E, a partir daquele momento, o discípulo levou-a para sua casa» (Jo. 19, 27), esta afirmação quer dizer, certamente, que ao discípulo foi atribuído um papel de filho e que ele tomou ao seu cuidado a Mãe do Mestre que amava. E uma vez que Maria lhe foi dada pessoalmente a ele como mãe, a afirmação indica, embora indirectamente, tudo o que exprime a relação íntima de um filho com a mãe. E tudo isto pode encerrar-se na palavra «entrega». A entrega é a resposta ao amor duma pessoa e em particular, ao amor da mãe.

A SEGUNDA APARIÇÃO DE FÁTIMA

No seu discurso proferido em Madrid, Espanha, por ocasião do Congresso Mariano que então ali se realizava, proferiu o Cardeal D. Manuel Cerejeira a 30 de Maio de 1948, as palavras seguintes:

«Qual é precisamente a Mensagem de Fátima? Creio que poderá resumir-se nestes termos: a manifestação do Coração Imaculado de Maria ao mundo actual para o salvar... Em Fátima, o Coração Imaculado revela-se especialmente nestes dois aspectos essenciais: o amor de Deus e a compaixão dos pecadores... A Mensagem de Fátima nasceu assim do Coração Maternal da Mãe de Deus e dos homens» (Lumen, Julho de 1948, págs. 458-459).

Começa a manifestar-se esta perspectiva na Aparição de 13 de Junho para aparecer em todo o seu esplendor e grandiosidade um mês mais tarde, no dia 13 de Julho.

Depois de ter pedido pela segunda vez a reza quotidiana do terço, desvenda-se o grande projecto de Deus: salvar as almas por meio do Coração Imaculado da Virgem Maria. «Jesus quer servir-se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração» — afirma a branca Senhora.

Não é para combater o analfabetismo ou para promover socialmente a pobre criança, que a Virgem Maria a manda aprender

a ler, mas para a tornar instrumento apto dos desígnios salvíficos de Deus. Efectivamente viria a ser por meio dos escritos de Lúcia que chegaríamos ao conhecimento da Mensagem de Fátima. Isto mesmo se manifesta no clarão refulgente que brota do Coração da Senhora. «Abriu as mãos e comunicou-nos pela segunda vez o reflexo dessa luz imensa. Nela nos vimos como que submergidos em Deus. A Jacinta e o Francisco pareciam estar na parte dessa luz que se elevava para o Céu e eu na que se espargia sobre a terra» — escreve Lúcia.

Após a visão perguntava o Francisco:

— «Porque é que Nossa Senhora estava com um coração na mão espalhando sobre o mundo aquela luz tão grande que é Deus? Tu, Lúcia, estavas com Nossa Senhora na luz que descia para a terra, e a Jacinta comigo na que subia para o Céu.

— É que — respondi-lhe — tu com a Jacinta vais breve para o Céu, e eu, fico com o Coração Imaculado de Maria, mais algum tempo na terra.

— Quantos anos cá ficas? — perguntou-me.

— Não sei, bastantes.

— Foi Nossa Senhora que o disse?

— Foi, e eu vi-o nessa luz que nos meteu no peito».

Realmente não se enganava. No feixe de luz que do Imaculado Coração de Maria subia

para o alto, estavam os dois Pastorinhos mais pequenos, que dentro em breve iriam para o Céu. No que se espargia pela terra, encontrava-se Lúcia, cuja missão era contribuir para a propagação do culto ao Imaculado Coração de Maria, como também lho indicaria mais tarde, na sua despedida, a pequenita Jacinta: «Tu ficas cá para dizeres que Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao Imaculado Coração de Maria».

Nossa Senhora, com maternal carinho, conforta Lúcia, triste por ficar sozinha na terra sem os queridos companheiros: «E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu

IMAGEM DA VIRGEM PEREGRINA

NA BÉLGICA

Como foi noticiado pela Voz da Fátima, a Imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima vai regressar, por alguns dias à Bélgica, para uma peregrinação organizada pelo reitor do santuário de Pironchamps, que surgiu precisamente aquando da primeira viagem da mesma Imagem em 1947. A peregrinação inicia-se no dia 13 deste mês de Junho com a partida da imagem do Seu Santuário em Fátima, acompanhada do Sr. bispo de Leiria-Fátima e regressará a 11 de Julho, acompanhada desta vez por Mons. Luciano Guerra, reitor do Santuário de Fátima.

NA CIDADE DE LISBOA

Por um lamentável equívoco da nossa inteira responsabilidade, noticiámos aqui no passado número da Voz da Fátima a ida da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, a Lisboa, no mês de Maio deste ano.

Efectivamente, essa veneranda Imagem irá à Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, de Lisboa, mas só no próximo ano, na comemoração do cinquentenário daquela paróquia e igreja.

A bênção solene da igreja foi no dia 13 de Outubro de

sacrifício porque é com ele que se salvam as almas, e lembro sempre a grande promessa que me enche de alegria: «Eu nunca te deixarei só. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus».

Podemos concluir declarando mais uma vez que o papel transcendente de Maria na história da salvação se delineou na Segunda Aparição de Fátima.

P.º FERNANDO LEITE

1938 pelo Senhor Cardeal Cerejeira, fundador da paróquia.

Na igreja, venera-se uma formosa imagem de Nossa Senhora de Fátima, esculpida pelo Escultor Leopoldo de Almeida.

Ao Rev. Cónego Antunes Abranches, zeloso pároco de Nossa Senhora de Fátima de Lisboa, que no próximo ano celebrará também as suas bodas de ouro sacerdotais, e a todos os leitores da Voz da Fátima e de outros jornais que veicularam a nossa notícia, pedimos desculpa por este equívoco que eventualmente terá causado alguns incómodos.

70 anos depois da primeira aparição

«Não tenhais medo. Eu não vos faço mal... Rezem o terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra».

Estas duas frases foram ditas naquele já longínquo domingo de Maio de 1917 a três humildes pastorinhos da serra de Aire. Iniciou-se nesse momento o extraordinário percurso de uma mensagem divina que tem ecoado em todos os cantos do mundo. Ainda hoje, 70 anos depois, neste mundo revolto e em guerra, continua a ouvir-se a palavra de paz: «Não temais!» e o apelo insistente: «Rezai o terço!».

Foi esta também a dominante das celebrações da grande peregrinação deste 13 de Maio, nas vésperas de um Ano Mariano que, certamente, no pensamento do Papa João Paulo II, tem muito a ver com esta mensagem de 1917.

Vamos dar algumas notas de crónica que não são mais que o registo simples dos actos que as centenas de milhar de peregrinos puderam presenciar fisicamente estando na Cova da Iria nesses dois dias e outras centenas de milhar ou talvez milhões de pessoas puderam seguir através das imagens da Rádio Televisão Portuguesa e da Televisão Espanhola, do som da Radiodifusão Portuguesa e da Rádio Renascença e da palavra escrita dos muitos

órgãos da comunicação social escrita.

A peregrinação foi presidida pelo Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro que foi saudado pelo Sr. Bispo de Leiria-Fátima no início oficial da peregrinação na tarde do dia 12 e fez a primeira alocução aos peregrinos reunidos em volta da Capelinha das Aparições.

A concelebração da noite foi presidida pelo Senhor D. Júlio Tavares Rebimbas, Arcebispo-bispo do Porto, com homilia pregada pelo Padre Vítor Feytor Pinto, Presidente da Comissão Nacional da Pastoral da Saúde que também fez a pregação durante o tríduo e a vigília nocturna

de oração do dia 12 para o dia 13, com a colaboração do Secretariado Diocesano da Mensagem de Fátima de Lisboa.

No dia 13, depois da celebração do terço a partir do lugar onde Nossa Senhora o veio pedir, há 70 anos, foi a concelebração final, presidida pelo Senhor Cardeal Patriarca que fez a respectiva homilia.

A oração que precedeu a palavra do Senhor Bispo de Leiria-Fátima aos doentes, foi proferida por um sacerdote doente que participou no retiro que decorreu no Santuário nos dias anteriores.

Na palavra final aos peregrinos, o Senhor Bispo de Leiria-Fátima anunciou que o Santo Padre tinha nomeado D. Serafim de Sousa Ferreira e Silva, até agora bispo auxiliar de Lisboa, que estava presente, bispo coadjutor de Leiria-Fátima, anúncio que foi sublinhado por uma grande salva de palmas de toda a multidão. Agradeceu depois ao Santo Padre, ao Senhor Cardeal Patriarca e convidou todos os peregrinos a unirem-se ao Papa na oração do terço no dia 6 de Junho, véspera do Domingo de Pentecostes, na basílica de Santa Maria Maior, em ligação televisiva com 14 santuários marianos do mundo, entre os quais o de Fátima.

A CONTEMPLAÇÃO E O AMOR NA MENSAGEM DE FÁTIMA

(Continuação da 1.ª página)

da primazia do sobrenatural e um premente apelo à contemplação amorosa das realidades espirituais, que representam a essência do Evangelho de Jesus Cristo. Numa pedagogia verdadeiramente admirável, as aparições de Fátima vão inculcando na alma dos pastorinhos, o sentido profundo dos mistérios fundamentais da fé católica. Fala-se aqui, sem quaisquer ambiguidades, de Deus e de Jesus Cristo e da Igreja; do céu e do inferno e do purgatório; dos anjos e dos santos; da graça e do pecado; do valor salvífico do sofrimento e da reparação; da necessidade vital da oração e do esplendor da santidade, a que todos somos chamados.

Já se disse que Fátima pode considerar-se um resumo do Evangelho para o nosso tempo. Daí lhe vem a melhor credencial de autenticidade e a mais sólida exigência de aceitação. Jamais acreditará em Fátima quem não acreditar no Evangelho. Não é possível crer na mensagem aqui trazida pela Virgem Santíssima, sem adesão plena à Boa Nova de seu Divino Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os homens e as mulheres do nosso tempo mostram-se, por vezes, insensíveis, se não hostis, às verdades eternas do cristianismo. Prisioneiros de ideologias materialistas e ateias, enredados nas malhas de uma civilização de consumo, seduzidos pelo fascínio de um admirável progresso científico e técnico, tendem a pôr a sua confiança e a sua esperança unicamente nas realidades temporais e nas capacidades humanas. Esquecem facilmente tudo o que transcende a experiência imediata. E alguns, mesmo quando aceitam o Evangelho de Cristo, reduzem-no apenas ao que lhes é agradável, ao que não interfere com a vida em profundidade, ao que não exige sacrifício nem mudança de comportamentos pecaminosos.

Da mensagem de Fátima, ressalta, todavia, uma proposta integral do Evangelho. Afir-

ma-se ali, em primeiro plano, a infinita misericórdia do Pai que quer salvar todos os homens, conduzindo-os à posse da verdade plena. Mas, do mesmo passo, não se cala, nem se esconde, a suma justiça de Deus ofendido pelos pecados e pelas ingratidões humanas. Dá-se a conhecer aos pastorinhos a inefável experiência beatificante do contacto com as realidades do céu. Mas também se lhes não poupa, apesar da tenra idade, a visão assustadora do inferno e dos tormentos que padecem as almas condenadas ao suplício eterno.

É certamente indispensável, como aliás recomendou o Concílio Vaticano II, que os mistérios da fé sejam propostos aos homens do nosso tempo, da forma mais acessível e adequada à sua compreensão. Mas, de igual modo, é necessário que a proposta não seja redutora, nem colectiva. Há que aceitar a mensagem evangélica na integridade do seu todo, salva embora a hierarquia interna do conjunto das verdades que a compõem. Há que aceitar e contemplar, saboreando, na oração meditativa, a inesgotável riqueza dos mistérios de Deus e do homem.

Disto deixaram-nos exemplo significativo os pastorinhos de Fátima, e particularmente o Francisco. Dele escreve um seu biógrafo: «O Francisco afigura-se-nos uma dessas almas interiores, muito sensíveis, de feição contemplativa, que não gostam do bulício, mais amigas de pensar do que falar, mais propensas a ouvir do que a manifestar-se, mais inclinadas a estar quietas do que a mexer-se» (F. Leite). Seria assim por natureza, mas foi certamente assim por colaboração com a graça de Deus. Gostava de pensar, de reflectir, de meditar, de contemplar. Por isso frequentemente isolava-se nos montes para rezar em sossego, e, não raro, fugia para a igreja a fim de estar sozinho com Jesus. Após uma das aparições, o Francisco declara abertamente: «Do que gostei mais foi de ver a Nosso Senhor, naquela luz que Nossa Senhora nos meteu



O Sr. Cardeal Patriarca na homilia

no peito. Gosto tanto de Deus!».

O nosso mundo contemporâneo precisa de almas contemplativas, como a do Francisco. Na azáfama dos dias de hoje, requerem-se, mais do que nunca, contemplativos no deserto e na cidade, pessoas que gostem de Deus, que vivam apaixonadamente a experiência da fé e a saibam testemunhar, numa autêntica doação de amor. Em resumo: o mundo actual precisa de contemplativos na acção.

Incentivo ao amor de Deus e aos homens

3. Se Fátima é uma vigorosa proposta e um forte apelo à contemplação, não é menos um poderoso incentivo ao amor de Deus e dos homens.

Não é seguramente sem motivo que, no âmbito da mensagem da Cova da Iria, sobressaem o Coração Divino de Nosso Senhor Jesus Cristo e o Imaculado Coração da Virgem Santa Maria.

No coração de Cristo, revela-se o amor infinito de Deus

que «tanto amou o mundo a ponto de lhe dar o seu Filho unigénito». E, ao mesmo tempo, põe-se a descoberto a ingratidão dos homens que não correspondem àquele amor... Logo na primeira aparição, perguntava a Senhora aos pastorinhos: «Quereis oferecer-vos a Nosso Senhor para aceitardes de boa vontade todos os sofrimentos que ele vos quiser enviar, em reparação de tantos pecados com que se ofende a divina Majestade, em desagravo das blasfémias e ultrages feitos ao Imaculado Coração de Maria e para obter a conversão dos pecadores, que tantos caem no inferno?». E na última aparição, a de 13 de Outubro, de novo a Senhora do Rosário dizia com voz de súplica: «É preciso que (os homens) se emendem, que peçam perdão de seus pecados!... Não ofendam mais a Nosso Senhor, que já está muito ofendido!».

O Coração de Maria, cuja devoção importa difundir sobre a terra, é o Coração da Mãe solícita pela sorte dos seus filhos, para os quais permanece sempre disponível como refúgio seguro e sempre aberto como caminho direito, que os conduzirá até Deus.

De uma ponta à outra, a mensagem de Fátima constitui uma gigantesca manifestação do Amor que não é suficientemente amado. Por isso, representa também uma extraordinária mobilização para o amor: é necessário amar, numa doação de vida, que expie os pecados próprios e os alheios; é necessário amar, numa entrega sacrificial, que ofereça reparação pelas ofensas cometidas; é necessário amar, numa frequente oração de louvor e de súplica, que implora o perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não amam o Senhor.

Os pastorinhos de Fátima compreenderam esta admirável lição de caridade. Assimilou-a, de modo especial, a pequenina Jacinta que tão intensamente soube amar. Pouco antes de ir para o hospital, onde viria a

morrer, assim dizia: «Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que tenho cá dentro do peito a queimar-me e a fazer-me gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria!». Na verdade, ela amou o Coração de Jesus, o Coração de Maria e o coração da Igreja, particularmente na pessoa do Santo Padre de Roma. E amou também o coração dos homens: dos homens pecadores necessitados de salvação, oferecendo por eles contínuas orações e sacrifícios; dos homens atribulados pela doença ou pelas contrariedades da vida, recomendando as suas intenções ao Céu e pedindo para todos as graças divinas; dos homens carecidos de ajuda material, repartindo generosamente com os pobres, o escasso pão do seu farnel de pastora.

Contemplar e amar

4. A nossa civilização contemporânea, designadamente a chamada civilização ocidental, que aliás tende a tornar-se planetária, orgulha-se com razão do seu notável progresso, em tantos campos da actividade humana. Mas os espíritos mais lúcidos vão-se dando conta de que ela corre o risco de enlouquecer, escravizando o próprio homem, que pretende libertar e servir.

E enlouquecerá certamente, se lhe faltar a contemplação e o amor. Sem contemplação e sem amor, o mundo, embora desenvolvido e próspero, será sempre um cárcere de egoísmo e uma arena de luta do homem contra o homem.

Aqui, neste Santuário de Fátima, ouviu-se há 70 anos, trazida do Céu pela Mãe de Deus, a lição evangélica da contemplação e do amor. Aprendamos, pois, a lição do Evangelho de Cristo, que «a Senhora mais brilhante do que o sol» nos veio lembrar: aprendamos a contemplar como o Francisco e a amar como a Jacinta.

A Peregrinação de 13 de Maio de 1987

Algumas notas da Peregrinação

Na tarde do dia 12 foi inaugurada uma Exposição filatélica na cripta da colunata sul, conforme noticiamos noutra página.

Durante a tarde do dia 12, houve acolhimento e celebrações penitenciais para jovens e casais no Centro Pastoral de Paulo VI e celebração do sacramento da reconciliação para todos na basílica, nos dias 12 e 13.

Na concelebração da noite como já é hábito, prestaram juramento 22 servitas da Associação de Servitas de Fátima, sendo de assinalar que são jovens em maioria.

Na concelebração final, além da maioria dos bispos portugueses estiveram alguns estrangeiros, entre os quais o Cardeal Herman Volk, bispo emérito de Mogúncia, Alemanha Federal.

Durante a concelebração final, estiveram presentes capelães católicos e protestantes e judeus das Forças Aéreas da NATO que

estiveram nos dias anteriores na sua reunião anual em Lisboa. Conforme declarações prestadas por alguns deles, ficaram fortemente impressionados com a religiosidade e a intensidade de fé dos peregrinos portugueses. E um deles, bispo luterano da Noruega, manifestou o desejo que foi aceite jubilosamente de levar a umbela durante a bênção dos doentes.

Nesta peregrinação esteve um número extraordinário de peregrinos estrangeiros 70 grupos de 17 nações num total de 3.682 peregrinos, contando apenas os que anunciaram ao Serviço de Peregrinos a sua vinda.

Também foi muito grande o número de peregrinos a pé ao longo de todas as estradas de Portugal, com predominância do norte. Foram acolhidos na secção de acolhimento com fornecimento de refeições e dormidas 3.806 peregrinos.



O Sr. Cardeal Patriarca, antes da Concelebração final, com alguns prelados, entre os quais o Cardeal Volk, bispo emérito de Mogúncia. À direita, D. Serafim, agora nomeado bispo coadjutor de Leiria-Fátima.

Mais de mil pessoas prestaram assistência aos peregrinos a pé

Mais uma vez tivemos oportunidade de contactar com os peregrinos de Fátima, de 6 a 12 de Maio. Assim como com as entidades que lhes prestaram ajuda.

O Movimento dos Cruzados de Fátima, responsável pela coordenação deste serviço, profundamente reconhecido pelo grande trabalho prestado pelos secretariados diocesanos do Movimento, S.A.O.M., OCADAP, Cruz Vermelha, Escuteiros e Bombeiros de várias localidades e ainda um casal, com a colaboração da paróquia de S. Miguel de Poiães, expressa, em nome de todos quantos passaram pelos respectivos postos de socorro, um sincero obrigado. Para cima de 1.000 pessoas colaboraram neste serviço médico-sanitário e religioso. É de salientar a ajuda dos sacerdotes de Águeda (diocese de Aveiro), Souzêlas, Condeixa, S. Miguel de Poiães e Padre Aurélio (diocese de Coimbra) e da Caranguejeira, Alqueidão da Serra, Vila Nova de Ourém, Monte Redondo e S. Mamede, (diocese de Leiria-Fátima).

Agradecemos às Irmãs de S. José de Cluny de Anadia e Irmãs Hospitaleiras do Coração de Jesus, de Condeixa, a grande ajuda que se dignaram dar aos peregrinos. Tivemos oportuni-

dade de verificar o interesse, carinho e disponibilidade dos responsáveis dos postos de socorros e os que com eles colaboraram. Bem hajam todos. E que os secretariados avancem com o projecto do Movimento, relativamente a este campo da pastoral. Cerca de 25.000 peregrinos a pé beneficiaram dos gestos caritativos de tantas pessoas. Não esquecemos ainda tantos particulares que tão bondosamente acolheram os peregrinos. Porém, lamentamos a exploração de que alguns foram vítimas. Não se compreende que ainda hoje haja pessoas a vender copos de água aos peregrinos. É de lamentar ainda os insultos e falta de respeito de que alguns foram vítimas.

Esta Pastoral só será eficaz quando se concretizarem os 5 momentos duma peregrinação, que o Movimento propõe: antes de partir da terra, durante a viagem, no Santuário; compromisso feito no Santuário e fidelidade ao mesmo, na sua vida pessoal, familiar e comunidade paroquial. Há muita catequese a fazer.

É assunto da Igreja, a partir da base — paróquia.

Daqui a necessidade de se constituírem as direcções paroquiais do Movimento dos Cruzados de Fátima, nas paróquias.

QUEM QUER RESPONDER A ESTA CARTA?

Sem comentários, publicamos na íntegra uma carta que nos chegou de Lisboa. E ficamos à espera que alguém queira responder-lhe.

Lisboa, 14 de Maio de 87

Rev.º Reitor do Santuário de Fátima

Quero saudá-lo, primeiramente, neste dia 14 de Maio, fazendo votos para que o Senhor e Sua Santíssima Mãe o continuem a abençoar, com saúde e boa disposição.

Quero no entanto, ao escrever-lhe esta carta, «desabafar» sobre coisas que há muito me preocupam, e sobre as quais há tempos me proponha a escrever-lhe.

Fui uma das pessoas, no meio dos largos milhares, que foram a Fátima no 70.º aniversário das Aparições de 12/13 Maio. Orgulho-me de ter por Mãe, a Mãe do Senhor Jesus, e de muito amar e lhe agradecer todo o Seu Amor e protecção e ainda de A louvar neste aniversário da sua 1.ª Aparição. Fui com uma amiga, integradas numa das muitas peregrinações que lá compareceram nestes dias.

É sempre um prazer visitar a Mãe!... Mas, ao desembarcarmos da camionete e dirigindo-nos ao Santuário, com o que deparámos logo? (eram mais ou menos 19.30 - 20.00 h): um homem que, aos gritos, vendia lotaria! Ora isto, a poucos metros do Recinto! Era no local onde se encontram as arcadas onde se vendem objectos religiosos, no lado esquerdo, se se estiver de frente para a Basílica. Em todo esse local, um ambiente

e um barulho tal, que nos deu a sensação de termos descido na Feira Popular! Já a caminho do Recinto, por baixo do cartaz «O Senhor Ressuscitou! Aleluia!» que fica à esquerda das escadas que ali estão, uma família já instalada para a noite, em grande banquete, e em alta voz, discutia assuntos que não eram para ali chamados. Também nessas escadas vimos mais tarde uma mulher que vendia «santinhos» em jeito de quem vendia limões ou castanhas!

Nessa mesma noite, quando estava o Santíssimo exposto na Colunata (norte, suponho), o «dormitório» que apareceu em volta da azinheira era inacreditável, e dentro das «paredes» da capelinha também!

Não sei realmente ao que se chegou porque discussões, atitudes agressivas e má educação na Capelinha foi coisa que se viu muito e de que até eu fui vítima! À volta para a camionete, no dia 13, por volta das 15 h, já muita gente se tinha ido embora, e era constrangedor, realmente uma vergonha, ver pelas bermas dos caminhos, objectos pessoais femininos (acho que não vale a pena especificar mais), e até fraldas sujas nos muros se viram!

É este o povo que se diz na CEE?! Se nós nem sabemos respeitar o que é nosso! Mais! O que é sagrado! Que impressão devemos deixar nessas Peregrinações estrangeiras!...

Como é possível que durante a Santa Missa houvesse gente

espojada no chão, embrulhada em cobertores, e que quando foi anunciado o Evangelho, ou quando foi exposto o Santíssimo, foi como se nada ali fosse dito ou passado?!
Seria possível haver grupos de pessoas responsáveis aos vários acessos para o Recinto, para impedir que se levassem garrafas e comezainas (podiam levar refeições leves os doentes). Afinal, há restaurantes bastantes cá fora! Também se deviam impedir o entrar-se no Santuário certos tipos de maneira de vestir, o falar alto, telefonias, etc! Podiam também avisar-se as autoridades sobre esses vendedores ambulantes que tratam o Sagrado como qualquer artigo de consumo banal!

Esta já vai longa e se calhar estou a pedir muito, mas a minha tristeza por tudo isto é grande, as pessoas mais velhas do que eu dizem que Fátima está mudada, e que dantes as pessoas iam para louvar a mãe, numa atitude de penitência, não de passeio ou de piquenique. Por mim que não me canso de ir a Fátima, e vou sempre que posso, acredito que ainda há pessoas de bem e que lá vão com respeito e amor pela Mãe do Céu e pelos irmãos, apesar do desconcomunal «abandalhamento» (desculpe o calão) que muita gente causa a tudo em que toca.

Só peço ao Senhor que Ele nunca julgue que nós não merecemos Fátima! Às vezes é o que parece!
Com os meus maiores cumprimentos.

O. AZEVEDO

A PEREGRINAÇÃO NA IMPRENSA DIÁRIA

A repetição da imagem bíblica do Pentecostes

Quando, ao fim da manhã de ontem, fazíamos o percurso que usualmente os peregrinos percorrem a pé até Fátima, povoou-nos a memória a imagem bíblica do primeiro Pentecostes cristão vivido em Jerusalém. Aí haviam chegado homens e mulheres de todos os pontos da diáspora judaica, a quem os apóstolos se dirigiram na primeira manifestação pública e onde muitos milhares se converteram ao cristianismo. Fátima pode ser hoje a repetição dessa cena bíblica descrita nos Actos dos apóstolos.

Eram peregrinos do Porto, de Esposende, de Águeda e de Valongo, Espinho, Coimbra e Bragança, da Guarda, Lamego e Lisboa, e até de Évora e Beja, que subiram a Fátima movidos pelo sentido da caminhada cristã como meio de mudança de vida. Todas as regiões de Portugal estão representadas nestes milhares de peregrinos em Fátima. Vieram para a celebração de um Pentecostes que cada ano acontece em 13 de Maio na Cova da Iria. Eles repetem o gesto fundamental da evangelização cristã, que é, sobretudo, anúncio da fé em Cristo ressuscitado.

ANTÓNIO CADAVEZ

«Diário de Notícias», 13-5-87

Bênção dos Doentes junta Bispo Católicos e Protestante

Uma nota inédita das comemorações do 70.º aniversário das aparições de Nossa Senhora e que, de algum modo, acentua o carácter ecuménico da mensagem de Fátima, deram-na, ontem, os capelães judeus e protestantes das Forças Aéreas Aliadas da Europa assistindo à missa e bênção dos doentes. Chamou, sobretudo, a atenção o facto de ter sido precisamente um bispo luterano da Noruega, Egil S. Selvaag, quem, segurando a umbela (uma espécie de pálio em forma de chapéu de sol, utilizado em determinadas cerimónias religiosas), acompanhou o cardeal-patriarca de Lisboa no ritual da bênção dos doentes com o Santíssimo Sacramento.

Os oito capelães militares protestantes e os cinco rabinos judeus, procedentes da Dinamarca, Noruega, Holanda, Inglaterra, RFA e Estados Unidos, encontram-se desde há dias no nosso País para uma conferência internacional na área das suas actividades religiosas junto dos militares e deslocaram-se a Fátima a convite do capelão da Força Aérea Portuguesa.

OLIVEIRA FIGUEIREDO

«A Capital», 14-5-87

Os telefones não param

Uma das principais preocupações do peregrino ao chegar a Fátima é dar conhecimento à família de que cumpriu integralmente a viagem, e que está de saúde. Os TLP, prestando um bom serviço, colocaram à disposição dos peregrinos postos telefónicos ambulatórios.

Localizam-se em modernas viaturas, dimensionadas para responderem a muitas solicitações simultâneas, na tentativa, dificilmente conseguida, de evitar aborrecidas demoras. As «bichas». Contudo elas são inevitáveis, tantas são as solicitações.

Para se ter uma ideia do movimento telefónico de Fátima nestes dias, pode adiantar-se que no dia 11 foram feitos sete mil impulsos telefónicos, número que representa o movimento de uma localidade. Ontem esse número tinha sido igualado cerca das 16 horas.

Como curiosidade, acrescentamos que grande número de chamadas telefónicas são feitas para Espanha, Alemanha e França, e algumas para o Canadá e Estados Unidos da América. O maior fluxo de chamadas internas tem por destino o Norte do País.

INÁCIO DE PASSOS

«Correio da Manhã», 13-5-87

BODAS MATRIMONIAIS NO SANTUÁRIO

De um esclarecimento enviado em 19 de Março passado (e até esta data não publicado) a um diário de Lisboa que erroneamente atribuiu ao Reitor do Santuário um episódio em que um outro sacerdote negara a bênção de umas alianças a uma senhora não casada pela Igreja, extraímos algumas passagens que poderão ser de utilidade para os nossos leitores.

— Como é do conhecimento de muitos casais que nos pedem para celebrar em Fátima as suas bodas matrimoniais, os capelães do Santuário procuram acolher com sentido pastoral todos quantos se lhes dirigem em circunstâncias normais de tempo, lugar e modo. Quanto possível, gostaríamos que os casais fizessem dos seus jubileus uma grande ocasião de renovação da graça do sacramento, aproveitando para se reconciliarem com Deus e com os homens, muito particularmente os da própria família. Infelizmente nem sempre conseguimos esse bem.

— Quando a preparação decorre normalmente, os casais são convidados a prepararem-se espiritualmente, se necessário recorrendo também ao sacramento da reconciliação, e a participarem nalguma das missas do Santuário, sendo-lhes benzinadas as alianças no momento próprio, e fazendo eles mesmos, então, a mútua entrega, como no acto ritual previsto para o casamento. Se as pessoas não têm a ideia de nos procurarem antes, costumamos, sempre que possível, recolhê-los com eles numa capela e aí, fazer uma pequena celebração, limitando-nos ao essencial.

— Acontece de quando em quando que aos santuários, locais onde o povo tem um lugar

muito próprio, assim como a chamada religiosidade popular, recorrem certos cristãos de prática reduzida ou nula que, ou por vergonha, ou mais frequentemente, por «birras» com os próprios párocos pensam gozar assim, em lugar «anónimo», de facilidades que a exigência pastoral normal lhes não concede.

Não é raro que, se conseguem os seus intentos, regressem triunfantes às suas terras, gabando-se de terem conseguido em Fátima, o que o mau ou o «embirrento» do pároco teimou em não lhes conceder. Claro que nalguns desses casos não se faz esperar o protesto do pároco para o Santuário — e nós temos que lhe dar razão.

— Pelo que fica exposto já, se percebe que é razoável, e necessário, os capelães do Santuário de Fátima inquirirem dos casais que, sem qualquer apresentação, lhes pedem a bênção das alianças matrimoniais, qual a sua situação «eclesial». Chega a acontecer que, não podendo casar-se canonicamente, por qualquer impedimento, venham a Fátima pedir a bênção das alianças, e se façam acompanhar de fotógrafo ou operador cinematográfico de modo a «comprovarem» depois, diante de amigos e familiares, que em Fátima se casaram mesmo pela Igreja.

— Entretanto, e em conformidade com a direcção pastoral assumida pela Igreja depois do Vaticano II, sempre se aconselha que qualquer capelão, a quem um caso destes se apresente, procure explicar às pessoas a posição da Igreja quanto ao Sacramento do Matrimónio, assim como as razões da sua recusa em praticar actos sacerdotais destituídos de qualquer fundamento, como esse de abençoar uma aliança matrimonial nas situações em que, segundo a mesma Igreja, de facto não existe sacramento. Abstraindo de situações subjectivas, que somos forçados a abster-nos de julgar, não faz de facto sentido abençoar uma aliança, que de si é um mero sinal de uma outra, muito mais profunda, contraída diante e com o selo de Deus, se este requisito essencial não existe. Ou seja: Se Deus não benze a aliança dos corações, como vamos nós benzer o sinal dessa aliança? E embora o último juízo deva ser deixado ao próprio Deus (Cristo avisou-nos bem de que teríamos surpresas nos últimos tempos), a nós leigos e sacerdotes da Igreja, não nos resta senão tentar viver segundo as evidências que as leis humanas e divinas procuram sancionar. Foi assim que o Santo Padre João Paulo II, tratando, na sua recente exortação sobre o matrimónio, dos casos mais difíceis que hoje aparecem, não deixou de vincar que se deve sempre acolher bem, mas nalgumas vezes para dizer que não.

Quem esteve em Fátima em 1917?

Há dez anos, mantivemos neste jornal, durante alguns meses, uma secção em que apelávamos aos leitores para nos indicarem os nomes, idades e outras circunstâncias dos peregrinos que estiveram em Fátima, nos dias das aparições de Nossa Senhora em 1917.

As respostas vieram com muita abundância, recolhendo-se elementos preciosos sobre os acontecimentos daquele ano, principalmente sobre o milagre do sol que tanto impressionou quem o presenciou e deu credibilidade às declarações dos pastorinhos. E não só recebemos muitas cartas, como reunimos, em 13 de Outubro desse ano de 1977, um numeroso grupo de pessoas que reviveram com alegria e saudade esse maravilhoso dia que jamais esqueceram.

Renovamos hoje o mesmo apelo, neste dia em que se comemora o 70.º aniversário da 2.ª aparição de Nossa Senhora, em que estiveram presentes algumas dezenas de pessoas, além dos videntes.

Será que ainda é viva alguma pessoa que, nesse dia, esteve ao lado dos três pastorinhos na Cova da Iria? Pedimos a todos os leitores que nos comuniquem qualquer notícia neste sentido, mesmo de pessoas que já tenham falecido. E o mesmo relativamente aos dias 13 de Julho a 13 de Outubro de 1917. Não importa que já tenham escrito noutras alturas. Gostaremos de saber como estão aquelas

pessoas com quem evocámos os acontecimentos de 1917.

No dia 14 de Maio passado, fomos chamados para conversar com uma simpática senhora de noventa anos, muito lúcida, muito jovial. Trazida por um seu filho que a rodeia de todo o carinho (bem como toda a família), veio rezar a Nossa Senhora, visitar o Santíssimo Sacramento, no Sagrado Lausperene, e satisfazer o pagamento da sua assinatura da revista *Fátima Missionária*, que lê assiduamente. Disse-me o filho que ela também lê a *Voz da Fátima*.

Trata-se da Senhora D. Maria do Carmo Vieira Simão, residente no lugar de Portela de Cima, freguesia de Alvados, da diocese de Leiria-Fátima. Nasceu em 15 de Março de 1897. E veio à Cova da Iria em 13 de Outubro de 1917. Com ela, mais alguns companheiros, «uns a pé, outros de burro, porque ainda é muito longe». Da curiosa entrevista recolhemos apenas estes breves apontamentos: «Vi o sol assim numa roda, a desandar e a gente olhava para ele bem como olha para si... não conturbava a vista. Eu depois experimentava lá, muita vez, a olhar assim para o sol, e quem é que conseguia?» «Eu não vi Nossa Senhora... não sou digna de a ver».

Toda a correspondência deve ser enviada para: Serviço de Estudos e Difusão (SESDI) — Santuário de Fátima — 2496 FÁTIMA CODEX, Tel. (049) 52122.

L. C.

ARQUIVO E BIBLIOTECA DO SANTUÁRIO

Há dias toca o telefone no meu gabinete de trabalho. Era o chefe de redacção do *Jornal da Beira*, semanário diocesano de Viseu, Rev. Padre José Vieira.

— Tem conhecimento de uma carta escrita de Torres Novas, no dia 15 de Outubro de 1917, a contar o milagre do sol?

— Quem é o autor ou autora?

— É uma pessoa que se assina por Maria e escreve à mãe, a viver na região de Viseu.

Fui consultar a documentação. Não era conhecida.

Uma vez que trabalhamos para publicar o primeiro volume dos documentos sobre as aparições, em edição crítica, fiquei satisfeito por conhecer mais um documento de grande interesse. O Rev. Padre Vieira, que publicou em seguida a referida carta, no seu jornal, já identificou completamente as pessoas em causa, através da Senhora que lhe revelara a existência dessa carta.

Algum tempo antes, recebeu o Santuário de Fátima uma grande mala recheada de albuns de fotografias, diapositivos, um filme e muitos outros documentos que foram recolhidos pelas Senhoras D. Maria da Visitação e D. Maria de Jesus Santa Marta que acompanharam a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima pelo mundo. Entre esses documentos de valor para os arquivos do Santuário, havia uma carta original, também inédita, sobre o milagre do sol escrita no dia 18 de Outubro de 1917, por D. Benedita Oriol Pena a D. Luísa Anjos Santa Marta, mãe das referidas senhoras.

Estes documentos foram oferecidos ao Santuário por D. Maria Luísa, D. Maria Rita e Eduardo Francisco Santa Marta Caupers, sobrinhos das referidas Senhoras.

Em 13 de Abril passado, foi oferecida ao Santuário pelo Rev. Padre Mário Cunha, Prior da paróquia do Santo Condestável de Lisboa, uma carta simples mas muito valiosa como documento histórico, enviada por D. Branca Sommer a D. Elisa Martins, avó do referido Padre Cunha, em 6-10-1917.

Finalmente, no dia 30 de Abril e 1 de Maio, a Sr.ª D. Maria Júlia Preto veio ao Santuário oferecer uma fotografia tirada pouco depois de 13 de Outubro de 1917, com os pastorinhos e um grupo de pessoas entre as quais sua mãe D. Madalena Preto, sob o arco que encimava o lugar das aparições, e reproduções fotográficas da Jacinta em corpo inteiro e de Lúcia e Francisco em meio corpo; vinha acompanhada da Senhora D. Maria Helena Pedrosa, filha de D. Maria Lúcia Pedrosa, também presente na fotografia de Outubro de 1917.

Um apelo aos leitores

Vem tudo isto a propósito de um apelo que queremos fazer. Trocaram-se, nesse ano de 1917, muitas cartas a propósito das aparições, do milagre do sol, dos videntes; foram-lhe feitos muitos interrogatórios. Existem provavelmente mais fotografias antigas dos videntes, não só em 1917 como nos anos seguintes;

houve muitos jornais não só de grande circulação como regionais e locais que escreveram sobre esses acontecimentos; distribuíram-se postais e estampas como recordação desses dias.

O nosso apelo é este: que cada leitor da *Voz da Fátima* procure nas suas gavetas, malas ou armários esses documentos, cartas, postais, estampas, manuscritos, fotografias dessa época ou dos anos seguintes e os dêem a conhecer ao Santuário de Fátima. Se os quiserem oferecer ao Santuário seria óptimo, pois assim o próprio original ficará nos seus arquivos para eventual exame pelos investigadores. Se não, o Santuário ficará com cópias e saberá sempre onde se encontra o original.

Para terminar, dirigimo-nos especialmente aos habitantes ou naturais de Ourém ou do seu concelho: No ano de 1917 publicava-se em Vila Nova de Ourém um jornal com o título *O Ouriense*. Era dirigido pelo Padre Manuel José Alves que foi pároco de Vila Nova de Ourém. Em 16 de Dezembro de 1917 já ia no n.º 117 do III Ano. Se alguém possuir alguma colecção, completa ou incompleta ou mesmo só alguns números, desde o início e sobretudo de 1917 e seguintes, ficaríamos muito gratos se no-lo comunicassem.

Para correspondência: Serviço de Estudos e Difusão (SESDI) — Santuário de Fátima — 2496 FÁTIMA CODEX, Tel. (049) 52122.

P.º LUCIANO CRISTINO
Responsável do SESDI

EXPOSIÇÃO FILATÉLICA



(Continuação da 8.ª página)

do Presidente da Junta de freguesia de Fátima, membros da Comissão Organizadora, diversos expositores, jornalistas, funcionários dos Correios e outros convidados.

Após umas breves palavras de saudação, proferidas por Francisco de Oliveira, da Comissão organizadora, o General Euclydes Pontes (ao centro na fotografia), grande coleccionador e vice-presidente da União Mundial de Filatelia Cristã, (que veio propositadamente do Rio de Janeiro para estar presente na inauguração e foi portador da sua participação composta de 200 folhas de peças de filatelia subordinadas ao tema da Imaculada Conceição), declarou a sua grande satisfação por este acontecimento filatélico eminentemente mariano, confirmando a sua grande devoção a Fátima pela doação das suas colecções ao Santuário da Cova da Iria.

Os convidados realizaram uma visita guiada às três salas da cripta da Colunata, ouvindo explicações sobre os temas elaborados por cada um dos expositores com as peças de filatelia, de rara beleza, significado espiritual e grande valor filatélico, trazidas para esta exposição de homenagem a Maria, na altura dos setenta anos das suas aparições.

As portas da sala foram abertas em seguida a todo o público que se fixou junto de cada quadro a admirar os belos sobrescritos e postais expostos.

Os Correios emitiram um carimbo comemorativo que foi solicitado por coleccionadores em sobrescritos e postais, por inúmeros peregrinos, muitos dos quais estrangeiros, presentes nas cerimónias da peregrinação.

A exposição estará aberta até ao dia 30 de Junho.

FRANCISCO DE OLIVEIRA

Contemplar como o Francisco

Depois da primeira aparição de Nossa Senhora, contámos ao Francisco, tudo quanto Nossa Senhora tinha dito. E ele, feliz, manifestando o contentamento que sentia, na promessa de ir para o Céu, cruzando as mãos sobre o peito, dizia:

— Ó minha Nossa Senhora, terços, rezou todos quantos Vós quiserdes.

E, desde aí, tomou o costume de se afastar de nós, como que passeando; e se chamava por ele e lhe perguntava que andava a fazer, levantava o braço e mostrava-me o terço. Se lhe dizia que viesse brincar, que depois rezava connosco, respondia:

— Depois também rezo. Não te lembras que Nossa Senhora disse que tinha de rezar muitos terços?

Um dia disse-me:

— Gostei muito de ver o Anjo, mas gostei ainda mais de ver Nossa Senhora. Do que gostei mais foi de ver a Nosso Senhor, naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus! Mas Ele está tão triste, por causa dos nossos pecados! Nós nunca havemos de fazer nenhum!

Por vezes dizia:

— Nossa Senhora disse que íamos a ter muito que sofrer! não me importo; sofro tudo quanto Ela quiser! O que eu quero é ir para o Céu.

(IV Memória, cap. I, n.º 4)

Amar como a Jacinta

Um dos seus jogos preferidos era o das prendas. Ela gostava de mandar correr atrás das borboletas até apanhar uma e levar-lha. Outras vezes mandava procurar uma flor qualquer que ela escolhia.

Um dia, jogávamos isto em casa de meus pais e tocou-me a mim mandá-la a ela. Meu irmão estava sentado a escrever junto duma mesa. Mandei-a, então, dar-lhe um abraço e um beijo, mas ela respondeu:

— Isso, não! Manda-me outra coisa. Por que não me mandas beijar aquele Nosso Senhor que está ali? (era um crucifixo que havia pendurado na parede).

— Pois sim — respondi — Sobes acima duma cadeira, traze-lo para aqui e, de joelhos, dá-lhes três abraços e três beijos: um pelo Francisco, outro por mim e outro por ti.

— A Nosso Senhor dou tantos quantos quiseres.

E correu a buscar o crucifixo. Beijou-o e abraçou-o com tanta devoção, que nunca mais me esqueceu aquela acção. Depois, olha com atenção para Nosso Senhor e pergunta:

— Por que está Nosso Senhor assim pregado numa cruz?

— Porque morreu por nós.

— Conta-me como foi.

(...)

Ao ouvir contar os sofrimentos de Nosso Senhor, a pequenina enteneceu-se e chorou. Muitas vezes, depois, pedia para lha repetir. Chorava com pena e dizia:

— Coitadinho de Nosso Senhor! Eu não hei-de nunca fazer nenhum pecado. Não quero que Nosso Senhor sofra mais.

(I Memória, cap. 1, n.º 2-3, edição da Postulação dos Videntes).

Entrevista com D. Serafim, Bispo Coadjutor de Leiria-Fátima

Santuário de Fátima um centro de toda a devoção mariana

Voz da Fátima — *Senhor D. Serafim, como entende a sua nomeação para Bispo coadjutor de Leiria-Fátima?*

D. Serafim — Agradeço a oportunidade que me dá, em nome da Voz da Fátima, para poder testemunhar os meus melhores e mais firmes sentimentos de alegria, de pertença à Igreja e de seryço ao povo de Deus, numa Igreja que não tem fronteiras. Já trabalhei como auxiliar em Braga e em Lisboa, fui nomeado coadjutor de Leiria-Fátima, o que significa para mim, da parte dos superiores, e com certeza por anuência ou por sugestão ou inspiração de Deus, que é um acto de confiança, que me faz mais humilde e que me convida a ser mais fiel e mais activo.

V.F. — *Que saudação gostaria de transmitir agora aos cristãos da Diocese em que vai trabalhar?*

D.S. — Conheço mal a extensão de Leiria-Fátima, mas conheço muito bem membros do clero e tenho a melhor impressão, não só sobre a qualidade da fidelidade dos presbíteros, mas também do dinamismo das comunidades eclesiais, nomeadamente de alguns movimentos, isto independentemente da realidade do Santuário de Fátima.

A realidade da Diocese é mais ampla, mais complexa e tenho a melhor impressão sobre o clero desta Diocese, presto as minhas homenagens ao Bispo da Diocese, Sr. D. Alberto, e aproveito a oportunidade que me dá para saudar, de uma maneira especial, os membros do clero, e de-

pois, também, os jovens, os que trabalham nos organismos e movimentos de apostolado e de espiritualidade, sem esquecer os doentes e os que deixaram de praticar ou até deixaram de acreditar.

V.F. — *Como bispo coadjutor de Leiria, como entende o papel de Fátima na renovação permanente da Igreja em Portugal?*

D.S. — Entendo que o Santuário de Fátima é um centro de religiosidade do Povo Português, é um centro de toda a piedade mariana, onde converge e donde irradia a manifestação de fé. É, sobretudo, e sublinho este aspecto, um centro de irradiação da cultura cristã porque a fé é um acto da inteligência que pressupõe conteúdos doutrinários.

Este Santuário está, pela situação geográfica, e não só, a meu ver, nas melhores condições para ser um centro de toda a vida eclesial do país, sob o aspecto teológico, pastoral, litúrgico e, vamos também dizer, festivo, ou seja da celebração da fé. Este último aspecto celebrativo é pedagógico, por consequência é muito importante para um povo que é desigual na situação cultural.

V.F. — *Como interpreta o Senhor D. Serafim, a presença de tão elevada de peregrinos e das multidões no Santuário de Fátima, como, por exemplo, a de hoje (13 de Maio)?*

D.S. — O clero da Diocese não pode ficar indiferente. E de um modo mais directo e mais concre-

to, os trabalhadores do Santuário têm de continuar a programar, como têm feito, e muito bem, o acolhimento, e, talvez, desenvolver ainda mais esse aspecto do acolhimento de cristãos anónimos que vêm de comunidades dispersas à procura do sobrenatural, do sagrado, do transcendental, através de Maria, sob o rosto feminino de uma realidade misteriosa, que é o próprio Deus.

V.F. — *Quer isso dizer que o Santuário de Fátima marcará toda a pastoral diocesana?*

D.S. — Ora bem, tocou um aspecto que eu considero importante. Eu ainda não trabalho nesta diocese, por conseguinte sou ainda peregrino aqui, mas julgo que devemos procurar um equilíbrio de tal modo que toda a Diocese de Leiria-Fátima dê a atenção necessária, proporcional e equilibrada ao Santuário de Fátima, mas de tal maneira que este Santuário não abafe e não diminua a actividade específica da comunidade eclesial diocesana. É que as atenções podem convergir e concentrar-se de tal modo no Santuário de Fátima, esquecendo outras realidades. Eu julgo que, hoje em dia, em sintonia com o próximo Sínodo dos Bispos sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, deveremos desenvolver muito a teologia do laicado e a sua participação, desenvolvendo a formação dos leigos e depois a sua actuação, lugar e presença na Igreja e no mundo. O que eu quero dizer é que, tanto quanto me for possível, procurarei desenvolver e apoiar as organizações e os movimentos de formação e de acção de apostolado dos leigos.

Fátima dos pequeninos

N.º 84
MAIO 1987



Querido amiguinho:

Estiveste presente diante da televisão, a rezar o Terço, em união com o Santo Padre e o mundo inteiro? Foi tão lindo que não se esquece com facilidade!

O Santo Padre iniciou o ANO SANTO MARIANO com a reza do Terço. Então, isso quer dizer que esta oração é importante. Nossa Senhora, em Fátima, em todas as aparições, aparece sempre com o terço na mão e recomenda a sua reza.

Há algum tempo, vieram ter comigo duas raparigas de 18 e de 20 anos, para que as preparasse para a primeira Comunhão. Sabiam o Pai Nosso e a Ave Maria. Em conversa, perguntei-lhes um dia: «Alguma vez rezastes o Terço. Responderam-me: «Não! Nunca! Nem sabemos o que é isso!» Mandei buscar dois terços e dei-lhos. Elas nem sabiam pegar neles, nem passar as contas. Prestaram muita atenção às explicações e prometeram-me rezá-lo de vez em quando.

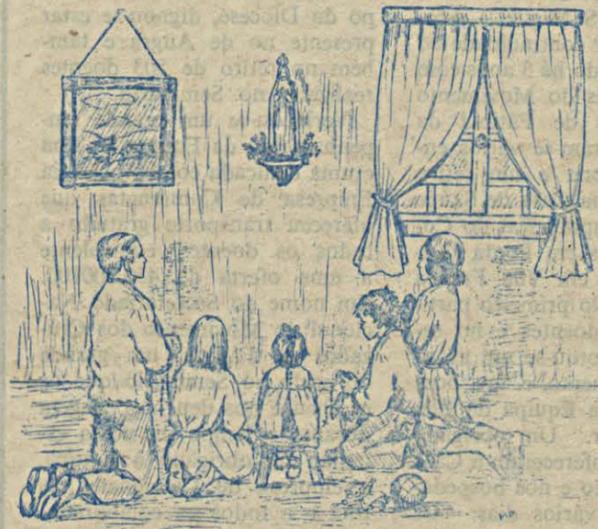
Meu amiguinho, e tu rezas o Terço?

Na primeira Aparição da Virgem Santíssima em Fátima (fez 70 anos no dia 13 de Maio), quando a Lúcia pergunta a Nossa Senhora se também o Francisco iria para o Céu, a Mãe de Deus responde: «Ele também, mas precisa primeiro rezar muitos terços». Ora nós bem sabemos como os Pastorinhos se esforçaram por cumprir este pedido da Mãe do Céu.

Há muitas famílias portuguesas que rezam o Terço todos os dias. Ainda há pouco tempo, o pequenito Leal veio dizer-me todo contente: «Na quinta-feira fiz 7

anos. O meu pai deu-me um Terço e disse-me: «Já és um homem. Agora vai ser tu a guiar o Terço em casa todos os dias». Perguntei-lhe eu: «E sabes os mistérios?». Respondeu-me o Leal, muito seguro de si: «Eu já sei ler e tenho um livrinho com os mistérios!» Que rapaz valente! Tenho a certeza que Nossa Senhora lhe sorriu e o abençoou-o como sorriu e abençoou aquela família tão fervorosa.

Querido amiguinho, para ti que importância tem o Terço? É mais uma coisa



para enfeitar o teu quarto ou a tua mezinha de cabeceira? Ou quando olhas para ele, pensas em Nossa Senhora e pegas nele com amor para louvares Maria?

Coragem! Reza o Terço todos os dias ou ao menos uma dezena de Ave Marias.

Um abraço

IRMÃ GINA

Movimento dos Cruzados de Fátima

REZAI O TERÇO TODOS OS DIAS

Temos vindo a falar, neste local, de vários aspectos da oração. Neste mês de Maio vamos reflectir na oração em que a Virgem mais insistiu: reza do terço.

Não é uma oração nova que Nossa Senhora veio trazer à Terra pois havia séculos que o Rosário era a devoção do Povo de Deus. A família dos videntes rezava o terço e as próprias crianças o rezavam, antes das aparições, enquanto guardavam o rebanho, embora, para que o tempo não lhes faltasse para brincar, o rezassem enunciando apenas o nome das orações: Avé Maria, Avé Maria... dez vezes e depois a palavra: Pai Nosso, e assim rezavam os cinco mistérios.

Não é uma oração nova mas é uma oração que a Virgem, em todas as aparições pediu que

rezássemos. É uma oração muito antiga, muito simples e acessível a todos, que leva a Deus e pela qual obtemos a Sua graça mas, se não temos cuidado, pode tornar-se uma oração rotineira e, porque isso pode acontecer, há quem não lhe dê aquele valor doutrinal e espiritual que o terço tem.

Mas o seu valor é grande e se o não fosse não teria a Virgem de Fátima insistido tanto na sua reza. O que lhe falta muitas vezes é alma e a isso devemos atender, pois, não basta rezar, é preciso rezar bem.

Que fazer, então, para rezar bem o terço? As orações que nele recitamos: Pai Nosso, Avé Maria e Glória, são orações excelentes. S. Tomás dizia que o Pai Nosso era a oração mais perfeita pois é uma perfeita norma de vida e oração. Na Avé

Maria saudamos Nossa Senhora com as palavras do Anjo e mostramos-Lhe a nossa confiança filial. A Glória é uma fórmula para glorificar a Santíssima Trindade.

Além destas orações tão ricas que repetimos tantas vezes ao longo do terço, é ainda esta oração enriquecida com a meditação dos mistérios de Cristo e da Virgem Santíssima que acompanham a reza do terço, «meditação santa e benéfica, alimento de elevação espiritual, interpretação de graças celestes para a Igreja, como disse Leão XIII.

São por isso muito grandes os valores espirituais desta oração quando não nos limitamos a dizer maquinalmente as orações vocais.

No próximo número voltaremos a reflectir neste assunto.

IR. LÚCIA FERREIRA

A NOSSA PEREGRINAÇÃO DE 12 E 13 DE SETEMBRO

Desde já, o Secretariado Nacional do MCF lembra o seguinte: Uma peregrinação não se improvisa, prepara-se.

O valor duma peregrinação está particularmente no modo como se projecta e prepara.

Não chamemos peregrinação ao que não corresponde a esse nome. O mesmo é dizer: não confundir excursão com peregrinação.

Que os responsáveis diocesanos e paróquiais reunam e elaborem um programa tendo em conta os 5 momentos duma peregrinação:

1. Antes de partir: promover ao menos dois encontros para os participantes.

2. Durante a viagem: ter em conta a oração, reflexão, música, diálogo, organização, assistência humana e espiritual.

3. No Santuário: acolhimento aos apelos de Deus e vivência do programa a nível pessoal e comunitário.

4. Compromisso a realizar no futuro.

5. Perseverança e fidelidade a esse compromisso.

Pede-se aos Secretariados Diocesanos que façam programa adequado à pastoral da respectiva Diocese e dêem directrizes às Direcções Paroquiais.

Que os responsáveis estejam atentos ao que vai sendo programado a nível nacional e diocesano.

Não venham para Fátima sem informarem os Secretariados Diocesanos ou, na falta destes, o Nacional, do número de peregrinos e autocarros de cada paróquia.

Ao alugarem os autocarros

tenham presente o início da nossa Peregrinação:

14.30 do dia 12 — Acolhimento no Centro de Pastoral Paulo VI.

15.00 do dia 12 — Encontro Geral presidido pelo Director Nacional do Movimento, Sr. D. Alberto Cosme do Amaral.

Este ano, o nosso Encontro vai ser um pouco diferente. Haverá uma presença juvenil mais activa e outras coisas que no próximo número serão ditas.

Comecem já a fazer uma séria preparação a fim de termos uma boa peregrinação.

Pedidos de informação devem ser dirigidos para: Comissão da Peregrinação Nacional do MCF

Secretariado Nacional Santuário de Fátima — 2496 FÁTIMA Codex

POR TERRAS DOS AÇORES

Como já foi noticiado neste jornal, de 10 a 16 de Abril estivemos na Ilha de S. Miguel — Açores a fim de dar continuidade ao trabalho iniciado há 3 anos com os responsáveis do Movimento dos Cruzados de Fátima da Ilha. Realizaram-se vários encontros de zona e um retiro para doentes na Casa de Saúde das Irmãs Hospitalares do Coração de Jesus em Ponta Delgada e outro em Vila Franca do Campo. No primeiro participaram 123 doentes e no segundo 87. Notou-se um avanço do Movimento e um bom trabalho que a Equipa da Ilha está a realizar. Um obrigado às Irmãs que ofereceram a Casa e a alimentação e nos hospedaram durante vários dias. Os nossos agradecimentos também às pessoas de Vila Franca do Campo que tanto nos ajudaram, assim como à Equipa da Ilha e a quantos conosco colaboraram.

De 16 a 22 estivemos na Terceira. A Equipa da Ilha promoveu vários encontros de zona, tendo participado neles cer-

ca de 203 pessoas. O Sr. D. Aurélio Granada Escudeiro, Bispo da Diocese, dignou-se estar presente no de Angra e também no retiro de 503 doentes realizado no Seminário.

Verificou-se um grande empenhamento da Equipa da Ilha e uma dedicada colaboração da Empresa de Camionetas que ofereceu transporte gratuito a todos os doentes, equivalente a uma oferta de 450.000\$00. Em nome do Secretariado Nacional do Movimento dos Cruzados de Fátima, um grande obrigado ao Seminário que os acolheu e nos deu hospedagem durante o tempo da nossa estadia, um obrigado à Equipa, à empresa de Camionetas da Ilha e a todos os colaboradores.

De 22 a 25 estivemos em S. Jorge pela primeira vez. Aí realizámos vários trabalhos nas freguesias de Velas, St.º Amaro, St.º Antão e Topo. Pelo que verificamos, o trabalho iniciado deu-nos esperanças de, num próximo futuro, organizarmos aí o Movimento.

Recordando

— Vivência dos Primeiros Sábados para oferecer a Nossa Senhora em Fátima no dia 13 de Setembro.

— Vivência das Vigílias de Oração de 12 para 13, até Outubro.

— Zelar e ornamentar os Nichos de Nossa Senhora dos Caminhos, colocando neles a placa com a frase: «NÃO OFENDAM MAIS A DEUS» ou o painel de azulejo com a Imagem de Nossa Senhora da Capelinha e com a mesma frase.

— Requisitar aos Secretariados Diocesanos ou, na falta destes, ao Nacional: esquemas para as Vigílias de Oração e Primeiros Sábados e placas e painéis de azulejo com a frase acima referida.

Já conhece o novo Boletim do Movimento?

Quem adquiriu o 1.º e depois o 2.º já descobriu certamente a vantagem e o objectivo deste Movimento.

O artigo 1.º dos estatutos diz que o Movimento é uma organização de formação e apostolado. Aí está o Boletim a responder a este mandato dos nossos Bispos. Não é um livro que se lê e coloca de parte, mas sim um instrumento de trabalho, hoje, indispensável para uma resposta ao projecto dos novos estatutos.

Por vezes há pessoas que nos dizem: ah! quem me dera ter à mão conferências que se fazem sobre a Mensagem e o modo de a viver e tornar conhecida. Pois bem: Estes dois boletins têm diversos assuntos de interesse. Seria bom que os fossem arquivando, sobretudo os animadores e responsáveis. Por meio deles é fácil, com os esquemas neles contidos e diversos temas de interesse, fazer reuniões e trabalho apostólico.

Por isso procurem adquiri-lo e se possível o primeiro para colecionarem e terem à mão temas para os ajudar a trabalhar com segurança e doutrina. Não lamentem o dinheiro que dão por eles pois há tanto que se gasta em coisa de muito menos interesse, e às vezes nenhum.

Peçam-nos aos secretariados diocesanos e na falta destes ao Nacional. Interessa também a pessoas que não pertençam ao Movimento.

Maria e o Espírito Santo

Maria manifesta a sua fisionomia espiritual pela atitude que assume ante a Palavra de Deus. É a primeira a escutar a Boa Nova; recebe docilmente e guarda com fidelidade a semente do Reino; é a primeira discípula cristã.

A Sua resposta na Anunciação e o elogio de Isabel fazem ressaltar, acima de tudo, a sua fé. «Disse Maria: «Eis aqui a Escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra» (Luc. 1, 38). «Feliz a que acreditou que se cumprirão as coisas que foram ditas da parte do Senhor» (Luc. 1, 45).

Mas é o Espírito Santo quem manifesta a Palavra. É Ele que, com o Seu poder, a encarna e com o seu alento vital a faz germinar e crescer.

S. Lucas apresenta-nos o Espírito Santo como Aquele faz com que a PALAVRA penetre nos corações. Este manifesta, particularmente, a Sua força quando esta palavra é acreditada

A «unção» que Jesus recebeu do Espírito é em ordem à proclamação da Boa Nova. A «unção» do cristão é a aceitação

alegre da pregação recebida na fé e selada no baptismo.

O Espírito ensina interiormente e a sua ressonância exterior capacita para recordar e actualizar o que Jesus disse. A existência cristã é a obediência a Deus através de uma Missão.

Designio salvífico entre Deus e os homens intervem na relação entre Deus e Jesus, Deus e Maria, Deus e a Igreja, Deus e o cristão.

O acolhimento e serviço à Palavra de Deus está na participação do projecto que Deus tem a favor do mundo.

Maria é para Deus disponibilidade sem condições, para o Espírito Santo é casa habitável e terra modelada nas suas mãos, para o Messias da esperança é pura «capacidade de Jesus, cheia de Jesus» (card. Bérulle), para a Igreja é modelo do discípulo, do que ouve a Palavra, do servo fiel.

Desde a sua relação única com Jesus, o Filho de Deus e Primogénito dos irmãos, é também Mãe dos crentes, dos renascidos da água e do Espírito. (Jo. 19, 25-27).

SECTOR JUVENIL DO M.C.F.

Casa Jovem

Durante o mês de Maio, até ao dia 13, passaram pela Casa Jovem — Santuário de Fátima, 415 Jovens, dos 13 aos 25 anos, de quase todas as Dioceses.

Ali foram acolhidos e ajudados nos seus problemas, Passaram-se alguns diaporamas sobre Nossa Senhora e a Sua Mensagem.

Um êxito cultural e didáctico a Exposição Filatélica «A Virgem Maria nos Selos de Correio»

Foi nestes termos que alguns jornalistas se referiram na reportagem da peregrinação de 13 de Maio, classificando a Exposição de filatelia mariana como o mais importante acontecimento cultural das comemorações do 70.º aniversário das aparições.

Trata-se de riquíssimas colecções de espécies filatélicas (postais máximos, sobrescritos comemorativos, de primeiros dias, com marcas de correio comprovativas da circulação destas peças), expostas em mais de 800

folhas, colocadas em vitrines apropriadas, pertencentes a 19 colecionadores de Portugal, Brasil e Espanha.

A inauguração teve lugar pelas 15 h. do dia 12, sob a presidência de Dom Alberto Cosme do Amaral, bispo de Leiria-Fátima, e com a presença de Mons. Luciano Guerra, Reitor do Santuário, de representantes das Ordens religiosas de Fátima, do Presidente e vereadores da Câmara de Vila Nova de Ourém,

● Continua na página 6